

AMORES DE CASAL*

ARTIGO

LOVES OF COUPLE

RESUMO: O artigo retrata o amor caracterizado como “de casal” quando, numa situação de interação, a identidade e a alteridade se reconstruem constantemente entre os polos do desejo e do amor. Desejo e amor, por sua vez, podem ter diferentes significados que, no contexto das condutas relacionais de coexistência, constituem diversos duetos (casais). A questão é se o amor de casal pode ser vivido nos distintos duetos que surgem durante a vida ou mesmo de forma simultânea, e qual o tamanho do impacto que nossos condicionantes sociais causam em tais possibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: amor, circularidade, situação amorosa, casal, contextos sociais condicionantes

ABSTRACT: In this paper the word “love” is understood as the “love of the couples” in an interaction situation in which the identity and singularity are rebuilt constantly between the poles of desire and love. Love and Desire can convey multiple meanings that may lead to the built of a variety of “duos” (couples) in relational behaviour domains of coexistence. The question that arises is whether a couple’s love can be lived in different duos that come through life or if it appears simultaneously, and to what extent these behaviours may be conditioned to the social context.

KEYWORDS: love, circularity, loving situation, couple, social contexts conditioners

JORGE DANIEL MORENO

Doutor em Medicina (UBA).

Especialista em Psiquiatria e Psicologia Médica.

Diretor da Sistemas Familiares.

Supervisor de Terapia Familiar credenciado pela ASIBA.

Argentina

Recebido em 8 de janeiro de 2011.
Aprovado em 4 de fevereiro de 2011.

O amor é um tema que excede, e muito, qualquer discurso, falado ou escrito. Eu me atreveria a afirmar que se trata de um dos afetos básicos que, em maior medida que o ódio, constituem o humano. Talvez isso seja, mais do que uma crença, um desejo de viajar nas asas da esperança, não daquela esperança fechada na caixa de Pandora, que para não ser perdida é fonte de sofrimento, mas de outra que, animada pela ilusão, nos leva a construir um mundo melhor. Essa provavelmente seja uma das dimensões do amor, a que caminha aos trambolhões pelo vastíssimo território do real e ressoa cotidianamente no telejornal e nos jornais impressos. É que o amor tem muitas facetas: ressoa no choro dos que erguem seus mortos em meio ao horror da guerra, ri numa festa de casamento, deixa-se levar por um orgasmo, se compadece com o sofrimento alheio, fica assombrado com um parto, ilumina-se durante uma reza, fica feliz com uma amizade, demonstra agradecimento, agarra-se à sobrevivência e cresce na generosidade. De todas as formas de amor, das quais nomeei poucas, tentarei esboçar alguma ideia sobre os amores que acontecem no âmbito do casal.

Acredito que o amor de casal não apenas tem algumas formas que o singularizam; o amor de casal se desenvolve num cenário definido. Em primeiro lugar, vou tentar delinear suas formas e também as características da situação onde ele ocorre. Mais adiante, proponho que muitas dessas particularidades podem surgir em cenários distintos e com distintos interlocutores, abrindo espaço à existência simultânea de diversos amores de casal. Isso significaria que o conjunto de matizes

* Este trabalho foi apresentado na III Jornada Internacional Red Española y Lationamericana de Escuelas Sistémicas Buenos Aires, 04 a 06 de julho de 2007.

que surge e dá forma ao amor romântico pode diluir-se, disseminar-se, por assim dizer, em mais de um cenário e com mais de uma pessoa.

Começarei formulando um significado grosseiro do que comumente se entende por “amor”, para depois inseri-lo no território de uma situação particularizada como “de casal”. Poderíamos muito bem falar sobre neurônios ou um grupo de neurônios que se interconectam e geram uma sensação que chamamos de “amorosa”. Estaríamos então falando do amor? Eu acho que não. Também poderíamos falar sobre certo grupo de neurônios que, em determinada área do cérebro e recebendo certo estímulo, produzem uma substância que faz o dono do tal cérebro sentir o que comumente chamamos de amor.

A partir desse ponto podemos pensar em duas direções. A primeira segue o caminho do estímulo que causa nos neurônios a produção da substância associada à sensação amorosa. A segunda refere-se ao significado da palavra amor, ou pelo menos ao significado da sensação amorosa. Ambas as ramificações bifurcam-se uma e outra vez, gerando a folhagem maravilhosa que cantam os poetas, seja quando surge o fresco verdor da paixão, a fragrância do primeiro encontro, a flor do desejo satisfeito, ou então os galhos sem folhas do outono e o frio inverno palpitando no corpo morto de uma Ofélia que não chega a compreender que existem mais coisas entre o céu e a terra do que os olhos são capazes de ver. De tal folhagem se nutrem os romancistas para dar vida a Emma Bovary, ao jovem Werther, ao culpado Raskólnikov e a tantos outros heróis da literatura, expressões de vários e anônimos mortais.

Como veremos, o tema passa pelo fluxo das palavras deixando-se levar, perder, esquecer o fio do discurso. Voltemos aos nossos dois ramos iniciais. Não importa que um grupo de neurônios se enrede de forma especial ou que segreguem algum tipo de substância especial, eles nunca fazem isso de forma isolada. Sempre necessitam de um objeto que, digamos, os estimule. Objeto interno ou externo? E isso importa? Caso nos perguntássemos se Narciso estava apaixonado, seguramente responderíamos que sim. Mas poderíamos fazer desaparecer o lago que espelhava o seu rosto e depois nos perguntarmos se alguém se apaixonaria pela imagem de um objeto real próximo ao presente, porém afastado no passado, já sob forma de lembrança, ou projetada em intenção de futuro e delineada com as cores da ilusão. Poderíamos dar um passo além e afastar o objeto real (estou falando, claro, de realidade extrassubjetiva) que se conecta a essa imagem até perdê-lo. Poderíamos dizer que o objeto que desperta a imagem da sensação amorosa presente não é muito coerente com ela. Estaríamos então falando da paixão e da sua fase de idealização, “essa forma de loucura que surge quando alguém, contemplando a beleza deste mundo, e lembrando-se da verdadeira, ganha asas, e com elas almeja remontar o voo em direção às alturas”, como escreveu magnificamente Platão em seu *Fedro* (Platão, 1979). Poderíamos dizer que o objeto se perdeu no passado, mas que a lembrança o reconstrói com cada vez mais força e energia, o que é suficiente para realimentar a sensação e reacendê-la, e nesse ponto roçaríamos a melancolia. Também poderíamos dizer que o ob-

jeto desejado mal foi visto, mas está investido das expectativas do dono ou dona do cérebro desse grupo de neurônios que, se tudo der certo, encontrará fora das portas da sua intenção um território, se não embelezante, ao menos não lastimoso.

Como podemos ver, para que existam neurônios reunidos ou alguma substância segregada que conecte tais neurônios é preciso haver um objeto, no sentido amplo do termo; e, no caso do amor de casal, preferentemente externo, com sua correspondente internalização. É então que surge o “comumente” que mencionei ao princípio. Como eu disse acima, textualmente, “formulando um significado grosseiro do que comumente se entende por amor”. Com essa frágil expressão pretendo oferecer uma referência ao objeto que desperta a sensação. Afinal, se decidirmos falar sobre objetos raros ou pouco habituais, poderíamos nos estender eternamente. Objetos, digamos, nada comuns como, por exemplo, o ruído embriagador de meias de seda sendo acariciadas entre os dedos no silêncio, fetichismo, e mais especificamente “fru-fru”, barulhinho estranho que algumas pessoas acham necessariamente estimulante. Ou a muito mais tétrica visita a uma tumba ou, melhor ainda, a um mausoléu familiar para, frente ao caixão do defunto ou defunta, sentir que fervem os neurônios de que falamos anteriormente. Tais casos, e muitíssimos outros que preferimos deixar de lado (os interessados podem ler o excelente livro de Krafft Ebing [1942] intitulado *Psicopatía sexual*), não entram no âmbito que determinamos como o que comumente se entende por amor. Também, numa categoria um pouco mais próxima às nossas

circunstâncias e tempo, poderíamos nos perguntar se uma foto na internet e uma série de intercâmbios por essa via (com câmera e roupa, com câmera e sem roupa, sem câmera, mas sem roupa, com palavra e com ou sem roupa e todas as demais variantes que existam e que, sem dúvida, geram atividade neuronal ou de alguma outra natureza) podem localizar-se no território do “comumente”. Ante tais possibilidades devemos tomar uma posição. Uma posição convencional e talvez antiquada para alguns, quem sabe conservadora para outros, mas que esteja alinhada ao nosso discurso. Pois bem: nós acreditamos que o objeto extrassubjetivo e seu elemento correlativo interno que, digamos, gera ação neuronal em forma de sensação amorosa e segue avançando até o que chamamos amor, comumente ganha significado em outra pessoa (pelo menos por enquanto) humana. Descartamos então qualquer tipo de animal, foto, roupa ou pedaço de tecido, os mais variados objetos, artefatos e modernidade cibernética. Afirmamos que deve ser outra pessoa a responsável por despertar tal grupo de neurônios ou várias glândulas, e que nesse despertar verifica-se a mencionada antes “comumente” sensação chamada “amorosa” que, por dirigir-se a um “outro”, instala uma circularidade. E agregamos que, caso esse “outro” e “outra” entrem ativamente nela completando-a e tornando-a mais complexa, fazendo com que quem iniciou tal sensação seja por sua vez sujeito de uma sensação que esse “outro” ou “outra” tem por ele, surge o que poderíamos chamar de “situação amorosa”. Eis o que tão bem sintetizam Maturana e Dávila quando conceituam amar como o domí-

nio das condutas de relacionamento através das quais a própria pessoa e o outro surgem como legítimos outros em coexistência (MATURANA & DÁVILA, 2007).

Chegamos então à construção de que uma “situação amorosa” é constituída por duas pessoas, enlaçadas numa circularidade, onde ambas têm um grupo de neurônios fervendo e, assim, entrelaçando alteridades em pelo menos uma dimensão comunicativa, sendo cada um deles sujeito e ao mesmo tempo outro, ou outra, ambos concordando no esboço de um significado comum que qualifica como “amorosa” tanto o que sente como a situação onde tudo isso ocorre.

Devemos tomar mais uma vez posição em relação a tal significado. Queremos deixar claro que, de nenhuma forma, consideramos unicamente o chamado “amor para toda a vida”, pois a trama das relações de parentesco que o sustentava perdeu-se, e porque a expectativa de vida aumentou consideravelmente graças ao uso de vacinas, antibióticos, água potável e outros elementos diagnósticos e terapêuticos da medicina atual. E também, no outro extremo, descartamos a situação que dura apenas um momento, num cruzamento de corpos sem nome, não por uma intenção romântica, mas simplesmente porque ninguém sabe quem é o outro. Em virtude dos limites considerados, sabemos que nos resta um amplo território para delimitar o que chamamos de “situação amorosa”. Não vamos impor um prazo temporal, mas a nomearemos como aquela situação na qual somos ao mesmo tempo um e outro, numa multiplicidade de intercâmbios relacionais inserida numa paleta de cores afetivas que se misturam entre si, gerando novas dimen-

sões, e não somente a soma das partes, onde o bem-estar é um denominador comum num dueto de duas vozes diferentes. Quero destacar esta metáfora do casal como dueto, da antropóloga Irene Théry (2007), pois a usarei *a posteriori*. O casal dueto, como na música, como no tango, diz a autora, onde não se faz um com dois, mas onde um e um fazem dois, um dois que não é o resultado de uma simples soma. Conceito interessante, que se contextualiza nos progressos de igualdade dos sexos, onde o casal se autonomiza dos desafios da relação conjugal e parental, construindo uma vida em comum que se alimenta de uma conversa que constantemente lhe ressignifica e dá sentido (THÉRY, 2007).

De forma grosseira, tentamos desenhar os contornos de um significado para a palavra “amor” e o alojamos numa situação de relacionamento, “amoroso”, por extensão, tendo avançado um pouco mais para emoldurá-la no terreno do “casal” e entrar decididamente no tema que dá título a esta digressão.

Não podemos nos esquecer de que, na ideia expressa anteriormente, falamos sobre uma circularidade na qual o objeto extrassubjetivo, e que funciona como estímulo, é uma pessoa que, para o bem ou para o mal, está incluída na relação e abre o espaço de uma circularidade. Como dissemos: para o bem ou para o mal e, embora aceitemos os dois caminhos, desenvolveremos aquele no qual a situação amorosa se instala no território do “para o bem”, mesmo que depois o rio da vida a leve “para o mal e melhor esquecer-se”.

Nesta situação amorosa de casal entendemos, seguindo Zigmunt Bauman, que a identidade e a alteridade

jogam-se constantemente entre os polos do desejo e do amor. Desejo e amor. Uma distinção interessante que o autor faz no capítulo “Apaixonar-se e desapaixonar-se” do seu excelente livro *O amor líquido* (Bauman, 2005). Porque o desejo, segundo ele, tem como característica inerente a afronta ao outro, a humilhação de uma necessidade que o incita a absorver, devorar, consumir. O desejo luta contra o poder do outro tentando dominá-lo e ao mesmo tempo conhece sua necessidade por esse outro. E também sabe que, caso o domine, se aniquila. O desejo sofre por sua necessidade do outro e sabe que apenas nesse sofrimento pode sobreviver. Situação paradoxal e ainda mais explícita na relação de casal, onde o desejo anda de mãos dadas com o amor, cuja intenção é expandir-se, ir além. Segundo Bauman (2005), o amor tenta assimilar o sujeito no objeto, enquanto o desejo busca que o sujeito devore o objeto. O desejo e o amor estendem uma e outra vez a corda do casal entre as melodias da paixão e da separação, numa situação na qual identidade e alteridade dançam no compasso do ritmo que os une. Acreditamos que, na vastidão desse cenário, acontece o sentimento amoroso do casal.

O fluxo dessas ideias nos levou de um significado grosseiro de “amor” a uma “situação” na qual encontramos “o casal” dialogando as intenções contrapostas do desejo e do amor. E neste ponto retomarei a ideia do dueto na música e na dança, da trama de passos entre os compassos de uma conversa que lhe dá sentido ao mesmo tempo em que marca ritmo e melodias. Retomarei a ideia para introduzir a palavra “amor” no contexto dessa dança, no cenário onde ela

acontece, tentando distinguir alguns passos dos inúmeros possíveis. Deixo claro que tal distinção é aleatória e depende unicamente de quem observa, já que tanto a música quanto a coreografia da dança são, como eu já disse, infinitas. Também destaco que o bem-estar antes mencionado nos leva em direção a um aspecto das distinções que terei de marcar, deixando de lado todos os sofrimentos do jovem Werther, que terminam com o disparo, e os sabores que Emma Bovary encontra no discorrer de sua busca pelo amor. Sacrifícios e sabores que, sem dúvida, pertencem ao território do amoroso, mas que apenas menciono.

No cenário da situação amorosa, tal como dissemos, as coreografias podem ser muitas, e também os passos. Vou distinguir alguns desses últimos: a ternura, a paixão, a placidez, o companheirismo, a amizade, a compreensão, o apego, a queda pelo outro, a doçura, a entrega, a devoção, o carinho, a cordialidade, o gozo (em seus múltiplos significados), o regozijo, o incêndio, o rapto, a veemência, o desborde, a exaltação, a harmonia, o respeito, o jogo, a projeção. A lista poderia ser infinita, ainda mais extensa que nas palavras, e com cada um desses passos poderia ser construída uma coreografia completa; quanto à música e seus vaivéns, dependerão dos múltiplos tons da conversa entre os membros do casal. Mas todos esses passos, esses ritmos, essas coreografias, tudo acontece sempre no mesmo cenário? Com a mesma pessoa? Ou seja, o dueto é sempre o mesmo? Uma senhora cheia de vida, culta e inteligente, próxima dos setenta anos, contou-me sobre o seu casamento, sua felicidade e infelicidade, seu di-

vórcio, seus filhos. Depois falou sobre a morte do seu ex-marido, e em seguida me disse que, à sua idade, não precisava de uma pessoa para dividir toda a gama de afetos que vivera com seu parceiro. Numa pessoa posso encontrar a amizade e a inteligência que tanto me seduzem, em outra pessoa, a ternura, em outra, o companheirismo, com outra, posso compartilhar um passeio, umas férias. Já não acredito ser necessária uma única pessoa para viver tudo isso. A escuta psicológica clássica diria que a senhora estava totalmente dissociada ou, ainda pior, cindida*, mas ela não tinha compartimentos estancados para cada um dos seus sentimentos, ela os vivia de forma integrada. Poderíamos dizer que construía diversos duetos, cada um deles com sua música particular, seus passos de dança, sua coreografia e seu cenário.

A partir dessa história, e seguindo a linha argumentativa que estou desenvolvendo, poderíamos nos perguntar se o amor de casal só pode ser vivido num único dueto ou em vários e, ainda mais, se esses vários duetos podem ser simultâneos e estar alojados no mesmo lugar ou em cenários distintos. Dizíamos antes que o casal implica um lapso de tempo, onde a conversa que lhe dá sentido aconteça. A pergunta é se podemos considerar nesse lapso de tempo passos e coreografias que acontecem com outro partícipe, e se tais passos, tal coreografia, tal ritmo, tal cenário, também podem ser considerados amor de casal. A palavra fidelidade está fortemente enraizada em nossa concepção do amor de casal, limitando seu território e significados. Entendemos o amor de casal como um único dueto e deixamos de fora todos os demais

passos que acontecem fora desse território. Quem vive um relacionamento de casal e mantém outra relação de amante com um terceiro homem ou mulher não constitui com seu amante um casal? O que chamamos de amor de casal? O que incluímos e o que não incluímos no seu significado? Como dizíamos anteriormente, a permanência ao longo do tempo já não é uma pauta que o defina. No curso da vida, podemos ter vários companheiros e viver diferentes situações amorosas com todos eles.

Nesse ponto da minha exposição, gostaria de deixar claro que estou situando o amor de casal num contexto atravessado por variáveis sociais. Falo sobre amor de casal nos termos onde o amadurecimento emocional permite o interjogo da identidade – alteridade na proximidade afetiva íntima, onde dois combinam os passos de uma dança que desenvolvem num cenário que eles mesmos delimitam.

Entremos agora nesse cenário distinguindo algumas particularidades que o contexto social lhe outorga. Já mencionamos a fidelidade; em consonância poderíamos agregar a monogamia e a estabilidade, e em dissonância, o adultério. Acreditamos que a dança do casal desenvolve-se nesse contexto socialmente delimitado. O que dizer então de todas aquelas relações amorosas, de casal, que não se desenvolvem nesse cenário? Não são relacionamentos de casal? Uma relação de amantes não é uma relação de casal? A senhora que antes mencionamos, que dançava passos distintos com diferentes pessoas, não tem parceiros? O fio desta argumentação sustenta que sim, mas as pautas sociais destacam que apenas uma possibilidade pode ser significada como amor de casal, aquela onde

* “Um fenômeno dado pela coexistência dentro do eu de duas atitudes psíquicas em relação à realidade exterior quando esta contraria uma exigência de pulsão: uma delas tem em conta a realidade, a outra renega a realidade em jogo e a substitui por uma produção de desejo. Estas duas atitudes coexistem sem influir-se reciprocamente.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1993).

os limites do cenário estão definidos pela monogamia e estabilidade, na maior parte das vezes reforçados pela parentalidade. As demais pareciam ser de segundo escalão, e se alguma delas tentasse avançar em direção ao posto inicial normalmente geraria sanção e levaria a uma tragédia. Ultrapassando o limite da monogamia, driblando a estabilidade e desviando da parentalidade, nos atrevemos a afirmar que o amor de casal pode acontecer em distintos cenários e entre diferentes duetos, sempre que os participantes concordem em dançar uma música, mais ou menos complexa, onde um e outro alterem constantemente suas posições intra e extrassubjetivas, sem se perder nem tampouco se confundir no aroma embriagador da intimidade. Sabemos que tais ideias ampliam consideravelmente o território do amor de casal, embora escutemos as pautas sociais dizendo-nos que se trata de um exagero, que esses amores não são corretos e por isso permanecerão fora do que se entende como relação amorosa.

Sei que as últimas afirmações abrem amplo espaço para uma discussão ética. Passei do singular “amor de casal” aos plurais “amores de casal”, não sucessivos, mas coexistentes, atrevendo-me a enquadrá-los no significado que envolve o “amor de casal”, singular, e para tanto estendi seu território para além dos limites

sociais que o emolduram. Por último, entendo que fora dos parâmetros psicológicos clássicos, que ao meu entender também foram formados por variáveis sociais e a elas servem, o amor de casal não necessariamente se circunscreve a apenas um âmbito e a dois únicos partícipes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z.** *Amor líquido*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- KERNBERG, O.** *Relaciones amorosas. Normalidad y patología*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- KRAFFT EBING, V.** *Psicopatía sexual*. Buenos Aires: Ediciones Progreso y Cultura, 1942.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B.**; *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Ed Labor, 1993.
- MATURANA, H.; DÁVILA, X.** “Las conversaciones liberadoras en la biología cultural.” Buenos Aires, *Perspectivas Sistémicas*, ano 19, n. 94, 95, 2007.
- PLATÓN.** *Fedro. En el banquete, Fedón y Fedro*. Barcelona: Ed. Labor, 1979.
- THÉRY, I.** Entrevista publicada no diário *Clarín*. Buenos Aires: 17 de junho de 2007.
- WINNICOTT, D.W.** *El proceso de maduración en el niño*. Barcelona, Ed. Laia, 1975.